

## EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MEL NA ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB

Na área de atuação do BNB (Nordeste, Norte de Minas Gerais e Norte do Espírito Santo) a apicultura possui elevada importância social, pois está concentrada no semiárido, mais especificamente nos estados do Piauí, Bahia e Ceará, onde são poucas as opções de atividades produtivas rentáveis no meio rural devido às limitações inerentes à Região, em especial escassez de água.

### Produção brasileira de mel

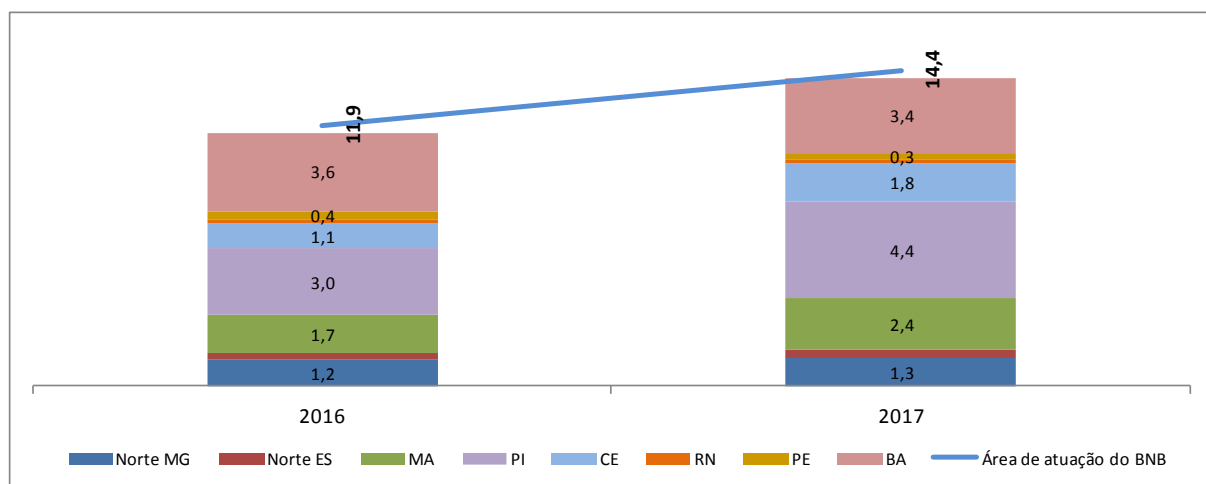
Em 2017, foram produzidas 41,6 mil toneladas de mel no Brasil, dos quais 16,5 mil toneladas no Sul do País. Por conta dos efeitos da seca em 2012 e dos seguidos anos de chuvas abaixo da média, o Nordeste deixou de ser o maior produtor nacional de mel. Entre 2014 e 2017, a produção de mel no Nordeste voltou a dar sinais de recuperação, no entanto, o volume produzido em 2017 ainda foi 20% inferior à produção obtida em 2011, ano anterior à seca. Vale a pena destacar o crescimento contínuo da produção de mel no Maranhão a partir de 2014, que tornou o Estado o terceiro maior produtor do Nordeste.

**Tabela 1 – Produção brasileira de mel (Em toneladas)**

Região/UF	2016	2017	Var (%)
Norte	905,5	802,9	
<b>Nordeste</b>	<b>10.399,8</b>	<b>12.757,6</b>	<b>22,7</b>
MA	1.710,7	2.355,9	37,7
PI	3.048,8	4.404,7	44,5
CE	1.149,4	1.776,2	54,5
RN	204,0	174,9	- 14,3
PB	156,6	156,4	- 0,1
PE	372,1	255,8	- 31,3
AL	110,3	167,9	52,2
SE	68,5	58,5	- 14,6
BA	3.579,5	3.407,4	- 4,8
<b>Centro-Oeste</b>	<b>1.699,6</b>	<b>2.036,6</b>	<b>19,8</b>
<b>Sudeste</b>	<b>9.467,4</b>	<b>9.500,4</b>	<b>0,3</b>
<b>Sul</b>	<b>17.146,5</b>	<b>16.496,5</b>	<b>- 3,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>39.618,8</b>	<b>41.594,0</b>	<b>5,0</b>

Fonte: IBGE (2019).

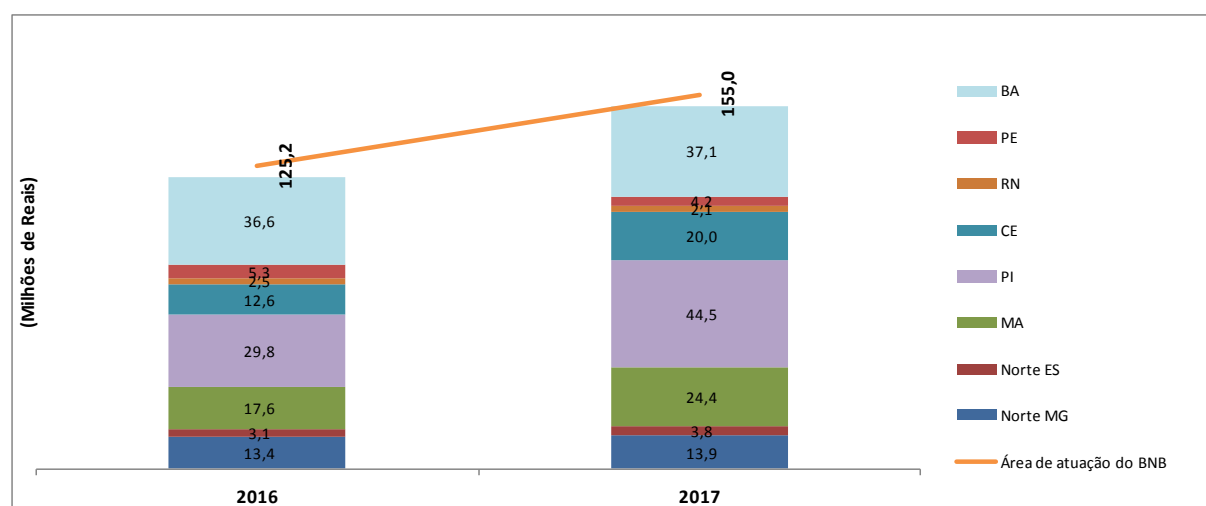
**Gráfico 1 - Produção de mel na área de atuação do BNB em 2016 e 2017 (em mil toneladas)**



Fonte: IBGE (2019).

Em termos de valor de produção, o crescimento na área de atuação do BNB foi mais expressivo (23,8%) entre 2016 e 2017, resultado da valorização do produto e do crescimento da produção no Piauí, Bahia e Maranhão. Em 2017, o valor da produção de mel na área de atuação do BNB foi de R\$ 155 milhões (Gráfico 2).

**Gráfico 2 - Valor da produção de mel na área de atuação do BNB (milhões de R\$)**



Fonte: IBGE (2019). \*Valores corrigidos pelo IGP-DI (Dezembro 2017).

## Mercado

O consumo per capita de mel no Brasil situa-se entre os menores do mundo, em 2017 o consumo de mel no Brasil foi de 0,07kg/pessoa/ano enquanto em países como a Alemanha é superior a 1kg/pessoa/ano e nos Estados Unidos, que é o principal destino do mel brasileiro, gira em torno de 0,6kg/pessoa/ano.

Portanto, existe um vasto mercado interno, porém ainda potencial, pois grande parte da população brasileira percebe o mel como um medicamento, sendo um dos principais fatores que explicam o baixo consumo deste produto no País. Assim, o mercado internacional coloca-se como uma alternativa para o produtor brasileiro comercializar a produção. Entretanto, é necessário buscar estratégias para melhor explorar o mercado interno, estudos apontam que o consumidor brasileiro de mel possui poder aquisitivo mais elevado, sendo, portanto, exigente quanto a padrões de higiene, valores nutricionais e praticidade.

Na cadeia apícola nordestina, coexistem diversos canais de distribuição, desde os mais simples, em que o apicultor vende seu produto diretamente ao consumidor final, até aqueles mais sofisticados com a presença de vários intermediários. A intermediação ocorre por meio de agentes primários (apicultores, entrepostos, associações ou cooperativas), geralmente é exercida por um apicultor local que se especializa na comercialização. Esses agentes podem comercializar com processadores/fracionadores, mercados atacadista e varejista e ainda vender o mel diretamente para o consumidor final. Porém, na maioria das vezes, o intermediário atua no canal de comercialização do mel a serviço dos entrepostos, sua remuneração é advinda de comissões sobre o volume de mel comercializado.

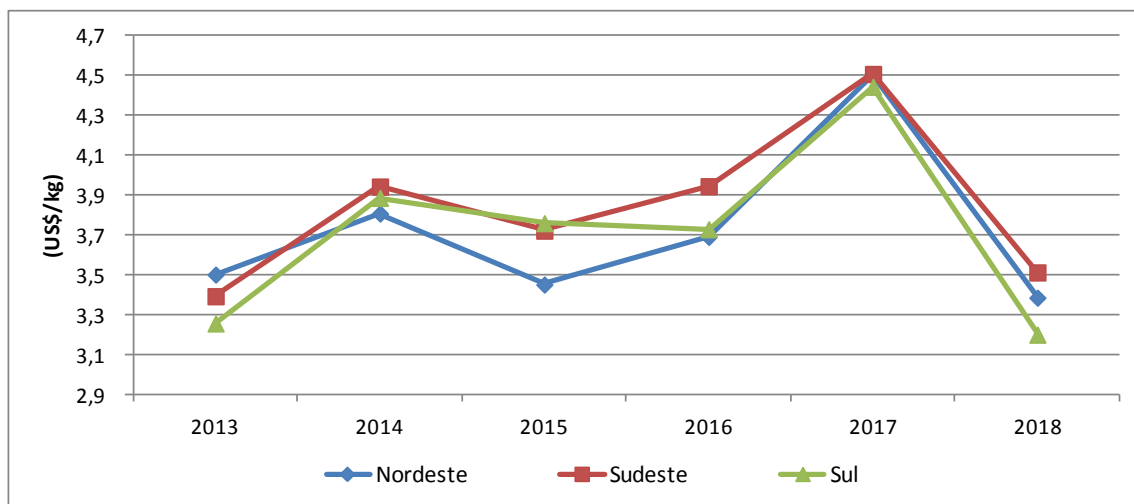
No Ceará, elevado percentual de apicultores comercializa sua produção para intermediários devido à inexistência de uma estrutura mais sólida de alguma modalidade associativa auto-organizacional que possa coordenar o elo distributivo da produção. Já no Piauí e Bahia, grande número de apicultores repassa sua produção para as cooperativas a que estão vinculados e estas a encaminham à cooperativa central, que, por sua vez, vende a produção para empresas exportadoras. No Piauí, a própria Casa Apis (Central de Cooperativas) exporta a produção. De acordo com o MAPA (2019) o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão não possuem estabelecimentos habilitados a exportar produtos apícolas, assim, parte do volume do mel produzido nesses estados é comercializada para representantes de empresas exportadoras de estados vizinhos e de estados do Sudeste do País.

## Preços

Não existe no Brasil um banco de dados para o preço do mel no mercado interno nem para o preço ao produtor. Com relação aos preços de exportação, pode-se observar pelos dados do MDIC\SECEX (2019) que ocorreu uma valorização do produto brasileiro entre 2013 e 2017 (Gráfico 3), em parte como resultado da redução da oferta. Além da quebra de safra no Brasil, houve dificuldades de produção em outros países como a Turquia, Espanha e Canadá. Outro fator que contribuiu para a elevação da cotação do mel brasileiro foi o aumento do volume de mel orgânico exportado para os Estados Unidos, que é um dos mais valorizados no mercado americano.

Com relação ao comportamento do preço de exportação de mel natural no Brasil, Costa Junior (2017) mostraram que existe uma relação de equilíbrio de longo prazo entre os estados de São Paulo, Ceará e Piauí com o Rio Grande do Sul, que atua como mercado central de mel no País. No Gráfico 3 pode-se observar que os preços de exportação do Nordeste, Sudeste e Sul tendem a convergir.

**Gráfico 3 - Preço médio de exportação de mel (US\$/kg) no Sudeste, no Sul e no Nordeste entre 2013 e 2018**



Fonte: MDIC/MAPA (2019).

## Perspectivas

Poucas regiões do mundo possuem um potencial de produção de mel orgânico comparado ao semiárido brasileiro, no entanto, o setor apícola dessa região tem passado por sérias dificuldades de produção devido à restrição hídrica. O mercado interno para o mel no Brasil ainda é potencial, porém muito amplo, portanto, o setor produtivo pode usar estratégias para ampliar este mercado, como investimento em propaganda e disponibilização de produto de boa qualidade em pequenas embalagens.

É crescente no mundo a preocupação com produtos alimentícios contaminados e adulterados, em 2018 o parlamento Europeu apresentou medidas para proteger as populações de abelhas e combater as importações de mel adulterado. Para aumentar a produção de mel de forma sustentável, todos os elos da cadeia produtiva devem ficar atentos às exigências dos mercados consumidores com relação à qualidade. A demanda mundial por mel, principalmente por produto diferenciado, mostra tendência de crescimento. No entanto, para atingir mercados que remunerem melhor, é importante a diferenciação do mel brasileiro por meio do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre os benefícios na saúde que os vários tipos de méis produzidos no Brasil podem ter, assim, o mel brasileiro poderia deixar de ser vendido com base somente nas características físico-químicas para ser comercializado como alimento funcional.

Fonte: [Caderno Setorial ETENE](#)

## DESEMPENHO RECENTE DO SETOR SUCROALCOOLEIRO NORDESTINO

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de açúcar, respondendo por aproximadamente 20,3% da produção e 48,0% do comércio mundial do produto. Com relação ao etanol, o Brasil é o segundo maior produtor global, porém, os Estados Unidos que são o maior produtor, consumidor e exportador de etanol do mundo. A produção de etanol nos Estados Unidos tem crescido mais rapidamente que no Brasil que tem importado cada vez mais etanol de milho americano.

A produção de cana-de-açúcar, etanol e açúcar no Brasil está concentrada no Sudeste do País, o Nordeste possui apenas 10% da área cultivada, responde por 7% da cana-de-açúcar, 8% do açúcar e 5% do etanol produzidos no País.

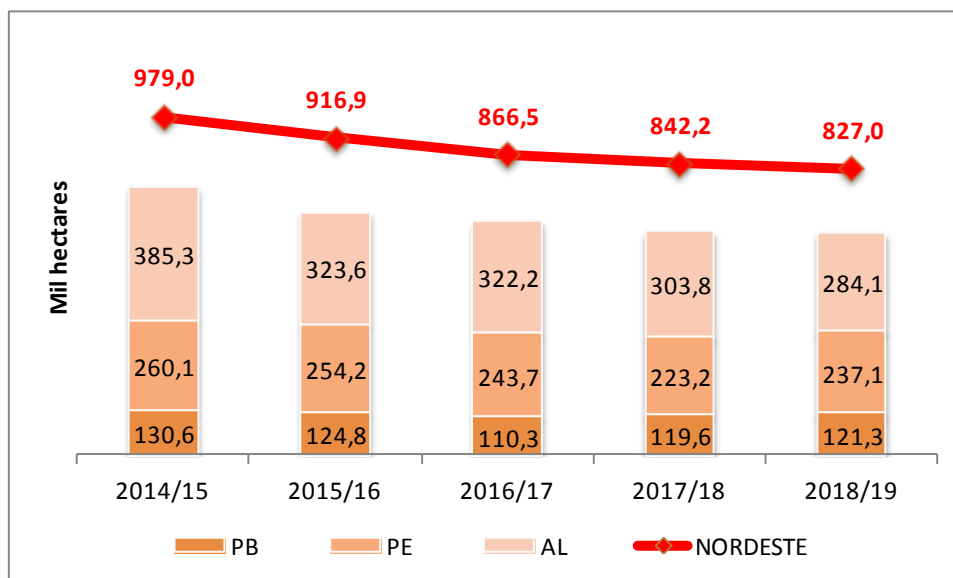
O setor produtivo de açúcar e etanol do Nordeste se recupera lentamente da última crise climática e mercadológica, persistem graves problemas, como a baixa produtividade e dificuldades financeiras das unidades produtivas. O preço internacional do açúcar recuou na última safra, entretanto, os sucessivos aumentos no preço da gasolina no mercado interno impulsionaram a produção de etanol em todo o País.

### Produção de cana-de-açúcar

A área colhida com cana no Nordeste continua caindo (Gráfico 4). Entre as safras 2014/15 e 2017/18, a retração da área com cana em Pernambuco e Alagoas foi da ordem de 36,9 mil e 81,4 mil hectares, respectivamente. Este é um reflexo da situação crítica pela qual as usinas, destilarias e produtores de cana-de-açúcar do Nordeste têm passado, tanto em termos de condições climáticas adversas quanto financeiras e mercadológicas. Para a safra 2018/19, a área colhida com cana no Nordeste reduzirá de 842,2 mil, para 827,0 mil hectares. Em Pernambuco, espera-se uma expansão de 13,8 mil hectares. Também deverá haver redução em Alagoas (19,8 mil) e na Bahia (8 mil hectares). Os principais motivos apontados para a queda de área com cana-de-açúcar no Nordeste nas últimas safras foram as dificuldades financeiras das empresas para a renovação do canavial e os danos causados nas lavouras pelo baixo volume de chuvas dos anos anteriores.

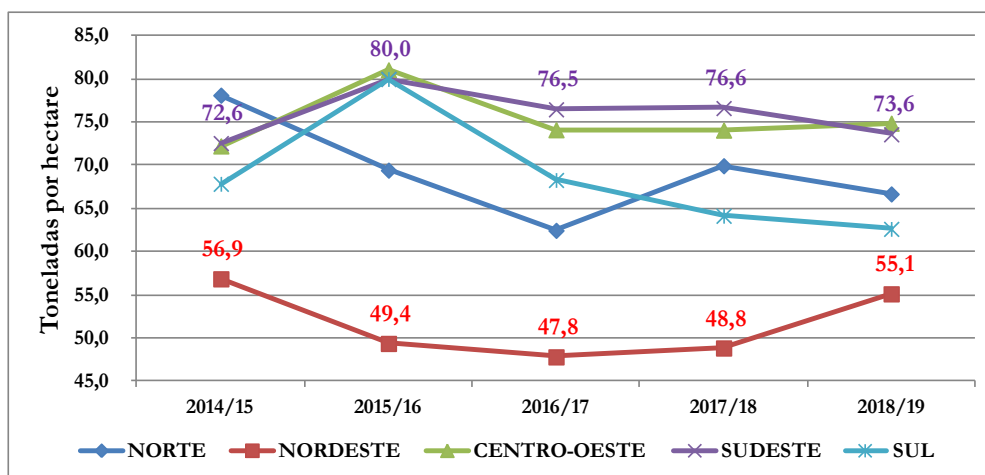
A produtividade da cana obtida no Nordeste é a menor do País (Gráfico 5), situação agravada pela restrição hídrica e a insuficiência de tratamentos culturais, principalmente nas lavouras dos fornecedores de cana, que respondem por elevado percentual da matéria-prima processada no Nordeste. Na safra 2016/17, o rendimento médio agrícola da cana na Região chegou a 47,8 t/ha. Para a próxima safra, 2018/19, espera-se que a produtividade de cana no Nordeste se recupere para 55,1 t/ha, em decorrência principalmente do melhor regime de chuvas e do maior investimento em manejo. No Vale do São Francisco na Bahia, por exemplo, os cultivos irrigados com cana-de-açúcar apresentam produtividade média de 100 t/ha (Conab, 2017).

**Gráfico 4 – Área colhida com cana-de-açúcar no Nordeste entre as safras 2014/15 e 2018/19 (mil hectares)**



Fonte: Etene, com dados da Conab (2019).

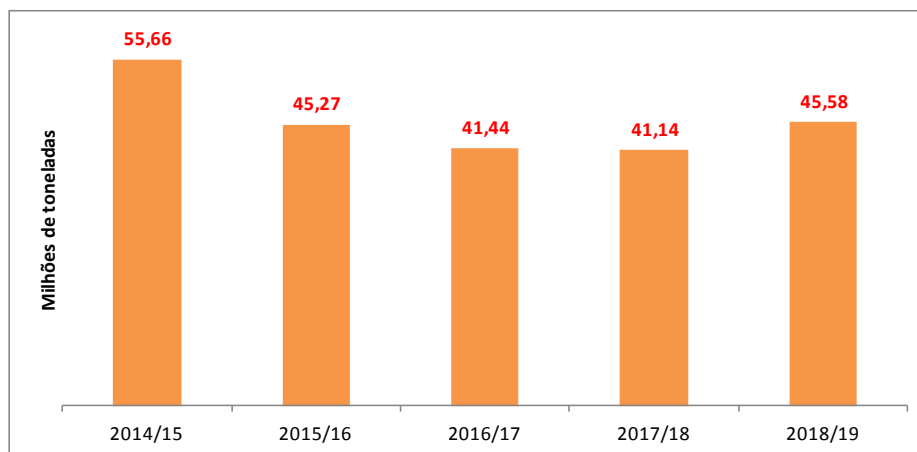
**Gráfico 5 – Produtividade de cana-de-açúcar no Brasil por região entre as safras 2014/15 e 2018/19 (toneladas/hectare)**



Fonte: Etene, com dados da Conab (2019).

A melhora da produtividade prevista para a safra 2018/19 deverá garantir alta de 10,8% na produção nordestina de cana, totalizando 45,58 milhões de toneladas (Gráfico 6). Para Alagoas e Pernambuco, que são os maiores produtores de cana-de-açúcar do Nordeste, as perspectivas são de crescimento da produção de cana-de-açúcar em 16,8% e 12,8%, respectivamente, na safra 2018/19. Alagoas deverá produzir 15,9 milhões de toneladas de cana e Pernambuco 12,2 milhões (Tabela 2).

**Gráfico 6 - Produção de cana-de-açúcar no Nordeste entre as safras 2014/15 a 2018/19 (milhões de toneladas)**



Fonte: Etene, com dados da Conab (2019).

**Tabela 2 - Produção brasileira de cana-de-açúcar (milhões de toneladas)**

Brasil, Regiões, UF	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (a)	2018/19 (b)	Var (%) (a/b)
<b>Norte</b>	3,72	3,54	3,27	3,46	3,35	-3,24
<b>Nordeste</b>	55,66	45,27	41,44	41,14	45,58	10,79
MA	2,35	2,46	1,84	2,22	2,07	-6,85
PI	0,95	0,97	0,76	0,85	1,08	27,06
CE	0,13	0,21	0,07	-	-	
RN	2,69	2,47	1,97	2,52	2,50	-0,55
PB	6,31	5,53	4,86	5,83	6,28	7,80
PE	14,73	11,35	11,83	10,82	12,20	12,80
AL	22,42	16,19	16,03	13,65	15,94	16,84
SE	2,38	2,28	1,71	1,72	1,98	15,33
BA	3,71	3,82	2,37	3,54	3,52	-0,69
<b>Centro-Oeste</b>	126,31	139,03	134,26	133,66	135,00	1,00
<b>Sudeste</b>	405,90	436,40	435,96	417,47	396,24	-5,09
<b>Sul</b>	43,18	41,35	42,26	37,52	35,67	-4,94
<b>BRASIL</b>	634,77	665,59	657,18	633,26	615,84	-2,75

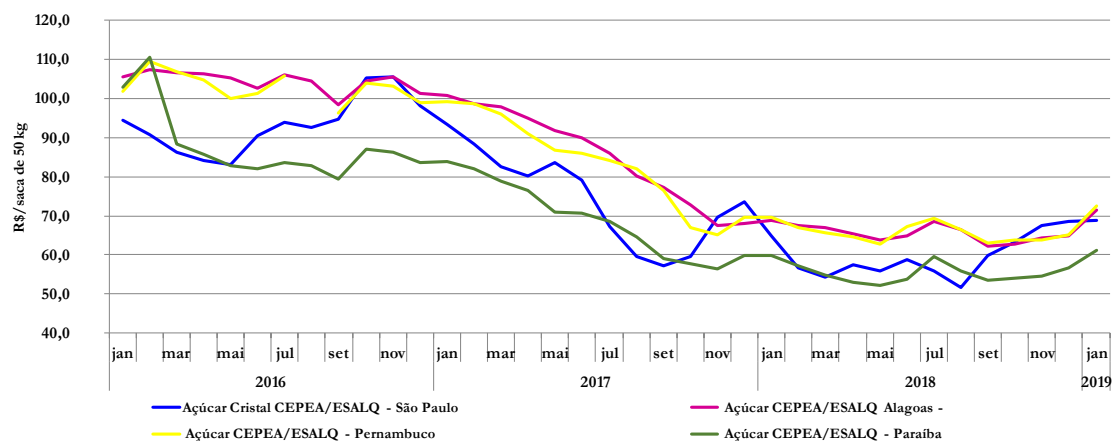
Fonte: Etene, com dados da CONAB (2019).

## Preços

A queda das cotações do açúcar em 2017 foi decorrente do crescimento da produção mundial. Em 2018, os estoques elevados pressionaram os preços internacionais em patamares relativamente baixos. Para 2019, as perspectivas são de elevação dos estoques globais do açúcar, portanto, espera-se recuperação pouco acentuada dos preços.



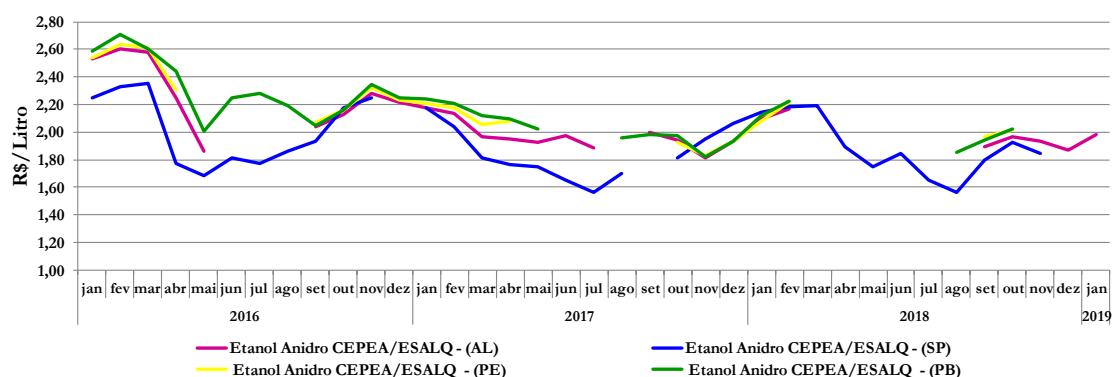
**Gráfico 7 – Evolução do preço do açúcar cristal em Alagoas, São Paulo, Pernambuco e Paraíba entre de jan/2016 a jan/2019**



Fonte: Cepea/Esalq (2019). \*Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Quanto ao etanol, o preço da gasolina representa um teto para a cotação do hidratado, pois estes combustíveis podem ser considerados bens substitutos para os carros flex. A política de preço para os combustíveis tem influência também na cotação do anidro, já que este é misturado à gasolina. No Nordeste, o preço do etanol no primeiro semestre de 2016 (Gráficos 8 e 9) foi pressionado pelas importações e entrada de etanol do Centro-Sul. Entre junho e julho, ocorreu pequena valorização do preço do etanol anidro e hidratado devido à entressafra nordestina, porém, com o início da moagem, os preços voltaram a cair. No Nordeste, o aumento da oferta por conta do avanço na safra provocou queda do preço dos etanóis anidro e hidratado a partir de novembro.

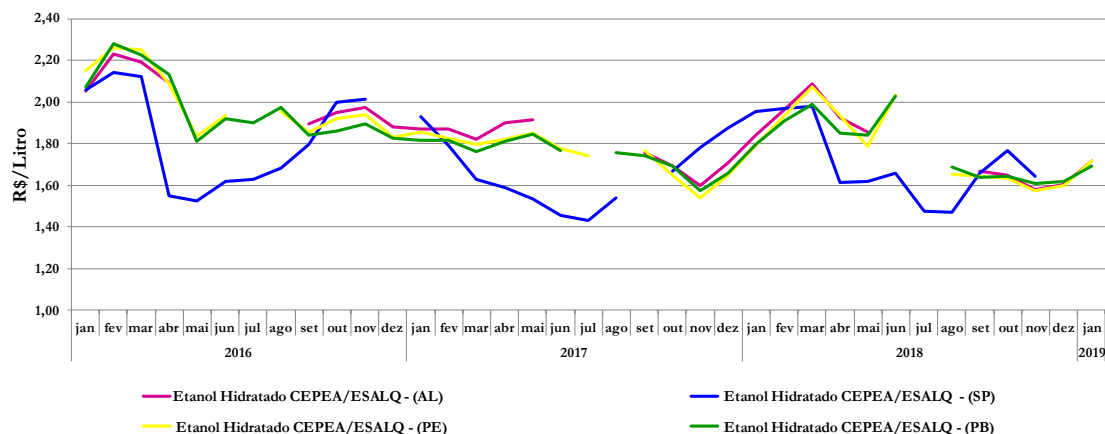
**Gráfico 8 – Evolução dos preços do litro do etanol anidro em Alagoas, São Paulo, Pernambuco e Paraíba pelo indicador mensal CEPEA/ESALQ, de jan/2016 a jan/2019**



Fonte: CEPEA/ESALQ (2019). \*Valores corrigidos pelo IGP-DI.



**Gráfico 9 – Preço do litro do etanol hidratado em Alagoas, São Paulo, Pernambuco e Paraíba pelo indicador mensal CEPEA/ESALQ, de jan/2016 a jan/2019**



Fonte: CEPEA/ESALQ (2019). \*Valores corrigidos pelo IGP-DI.

## Perspectivas

Para a safra 2018/19, as perspectivas são de que o Brasil perca a posição de maior produtor mundial de açúcar para a Índia. A participação brasileira no comércio global do produto também deverá ser reduzida, pois diante das expectativas de aumento dos estoques mundiais e, portanto, de redução do preço do produto no mercado externo, espera-se queda nas exportações nacionais de açúcar. Com os aumentos sucessivos do preço da gasolina, o etanol deve se manter mais remunerador que o açúcar, assim, espera-se que maior parte da cana-de-açúcar seja direcionada para produção de etanol.

O principal mercado para o etanol deverá continuar sendo o interno, diferente do que se esperava, o etanol de cana produzido no Brasil não tem se mostrado competitivo no mercado externo frente ao etanol de milho dos Estados Unidos. No Nordeste, o setor produtor de açúcar e álcool tem se recuperado lentamente da última crise, o número de empregos formais e a área cultivada continuam caindo, a produção de açúcar e etanol deverá apresentar um pequeno crescimento na próxima safra e a produtividade da cana, embora tenha melhorado, permanece muito inferior à obtida nas demais regiões produtoras do País.

Fonte: [Caderno Setorial ETENE](#)

## DICAS PARA SUSTENTABILIDADE NA AGROPECUÁRIA

### Geração de energia renovável no campo

O sol é a fonte primária da energia na Terra, sendo a fonte utilizada pela Natureza para produzir biomassa. O aquecimento diferenciado do sol sobre a superfície do planeta, associado aos movimentos da Terra, causam o deslocamento de massas de ar, formando assim os ventos. O sol também provoca evaporação de grandes quantidades de água, que se precipitam nos continentes, formando assim os rios, lagos e aquíferos. A humanidade aprendeu a transformar as fontes de energia renovável, da biomassa, do sol, dos ventos e das águas para gerar energia elétrica. A disponibilidade dessas fontes de energia nas propriedades rurais são uma grande oportunidade para a sua autossuficiência e mesmo para a geração de riquezas. As fontes renováveis de energia estão mais acessíveis do que nunca. Atualmente, sistemas geradores de energia em pequena escala são uma realidade de mercado, estando à disposição dos consumidores a preços cada vez menores. Por outro lado, as tarifas de energia elétrica têm subido consistentemente, com praticamente 50% de aumentos nos últimos 20 anos. Para ajudar a autossuficiência do homem do campo, auxiliando-o a produzir sua própria energia limpa, o Banco do Nordeste dispõe das linhas de financiamento FNE SOL e AGROAMIGO SOL. O [FNE SOL](#) foi criado especialmente para viabilizar a aquisição de sistemas de geração de energias renováveis, com destaque especial para as de origem solar e eólica, por meio da instalação de sistemas ligados à rede pública de eletricidade (sistemas *on grid*), nas modalidades de micro e minigeração distribuída de energia, ou de sistemas não interligados à rede pública, na forma dos sistemas *off grid*. Já o [AGROAMIGO SOL](#) é uma linha de crédito que financia aos agricultores familiares, a aquisição de sistemas geradores independentes de energia renovável, com destaque para os pequenos sistemas *off grid*, para bombeamento de água, refrigeração, iluminação etc. No meio rural, gerar sua própria energia é importante não somente por uma questão de economia, mas também por uma questão de segurança energética, pois uma eventual queda no fornecimento de energia que leve muito tempo para ser resolvida, pode causar grandes prejuízos ao produtor rural. Reduza sua dependência do fornecimento de energia, faça [aqui](#) a simulação de seu crédito para adquirir sistemas geradores de energia, procure a agência mais próxima do Banco do Nordeste e realize seu sonho de independência energética!

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE** | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida. AMBIENTE DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO | Gerente de Ambiente: Irenaldo Rubens Nunes Soares. Célula de Meio Ambiente, Inovação e Responsabilidade Socioambiental: Kleber de Oliveira (Gerente Executivo), Mário Eduardo Fraga da Silva, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiários: Francisco Kaique Feitosa Araújo, Marcus Vinicius Adriano Araújo. Jovem Aprendiz: Sarah Lucena Barros.

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.